

## XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

### POÉTICA DA RUÍNA, POÉTICAS DO TEMPO: PAISAGEM E HETEROCRONIA NA ARTE BRASILEIRA

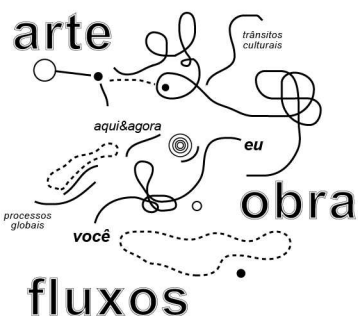
**Renato Palumbo Dória**

UFU

**Dayane de Souza Justino**

UFU (MESTRANDA)

No âmbito europeu da pintura de paisagem, o subgênero da pintura de ruínas atinge o auge no século XVIII: resposta a certa angústia por um passado perdido, cada vez mais inacessível, e desejo de converter a ruína em aviso moral, alertando para os perigos da fatuidade moderna. Poética das ruínas que participa do conjunto maior das poéticas do tempo, a manifestarem-se em alegorias compósitas, servindo-se de elementos advindos da pintura de paisagem e da pintura histórica – e evidenciando a presença da arquitetura e da matéria desgastada. Tradição não transplantada nem para a América portuguesa nem para a espanhola, territórios que, compreendidos, em oposição a Europa, como parte do “novo mundo”, exigiriam um olhar igualmente “novo”, mais propenso a valorizar a exuberância da natureza a ser dominada do que a perceber a singularidade das culturas a serem enfrentadas – sendo que o contato de artistas europeus com os vestígios arquitetônicos, por vezes grandiosos, das civilizações precolombianas (sobretudo na América central) ensinaria, posteriormente, novas interpretações e significações para o tema da paisagem com ruínas – como nas pinturas *Pirâmide del Sol en Teotihuacán* (óleo sobre tela,



## XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

1878) e *Pirâmides del Sol y de la Luna en Teotihuacán* (óleo sobre tela, 1878), de José Maria Velasco, ambas expostas no salão anual da Academia de San Carlos, na Cidade do México, entre 1878 e 1879.

No Brasil as tópicas da paisagem assumiram importância crescente, atravessando a arte produzida no país nos séculos XIX e XX e chegando aos limiares da produção contemporânea. Tópicas junto às quais emergiria esporadicamente, como que no germinar de sementes a muito adormecidas, não propriamente uma poética das ruínas (ou ao menos não a tradição da pintura de ruínas amadurecida na Europa do século XVIII), mas antes poéticas do tempo, através da produção de artistas que, mesmo isolados, participariam de um fluxo maior. Dão-se assim, neste contexto, processos não somente de anacronia (embora seja embarçosamente frequente a insistência da crítica e da historiografia em apontar para estes), mas também dinâmicas de heterocronia – processos e dinâmicas temporais; os quais pretendemos examinar mais detidamente; que relacionam-se com a perspectiva do deslocamento cultural e, ainda, com os mecanismos de desterritorialização e deriva contemporâneas, evidenciando a sobrevivência, através da presença ainda atuante da Paisagem, da Alegoria e da História, de uma tradição ressignificada.

### **Paisagem, heterocronias, poéticas do tempo**